

CHINUA ACHEBE

# A educação de uma Criança sob o Protetorado Britânico

*Ensaio*

*Tradução*

Isa Mara Lando

Copyright © 2009 by Chinua Achebe  
Todos os direitos reservados

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

The Education of a British-Protected Child

*Capa*

Francisca Albers & Marcos Kotlhar

*Preparação*

Ciça Caropreso

*Revisão*

Renata Del Nero

Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Achebe, Chinua

A educação de uma Criança sob o Protetorado Britânico :  
ensaios / Chinua Achebe ; tradução Esa Mara Lando — São Paulo :  
Companhia das Letras, 2012.

Título original: The education of a British-protected child.  
ISBN 978-85-359-2020-8

1. Achebe, China 2. Escritores nigerianos - Século 20 - Biografia  
3. Nigéria - Biografia I. Título.

11-13774

CDD-823.914

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Escritores nigerianos : Ensaios autobiográficos

823.914

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# Sumário

Prefácio .....	9
A educação de uma Criança sob o Protetorado Britânico ...	13
O doce aroma da cozinha de Zik: crescendo no ambiente de uma lenda viva .....	34
Meu pai e eu .....	43
O que é a Nigéria para mim? .....	46
Viajando “em branco” .....	54
Dizendo nosso verdadeiro nome .....	60
Minhas filhas .....	73
Reconhecimento .....	78
O nome difamado da África .....	82
Política e políticos da língua na literatura africana .....	100
A literatura africana como restabelecimento da celebração	111
<i>O mundo se despedaça</i> como material de ensino .....	126
Martin Luther King e a África .....	133
A universidade e o fator liderança na política nigeriana .....	140
Stanley Diamond .....	151
A África é gente de verdade .....	156

Notas .....	169
Agradecimentos e fontes .....	173
Nota sobre o autor .....	177

# A educação de uma Criança sob o Protetorado Britânico

O título que escolhi para estas reflexões pode não ficar claro de imediato para todos; e, embora ele já seja bastante longo, talvez exija de mim uma pequena explicação ou elaboração. Mas antes quero tratar de algo que me traz uma preocupação mais urgente — seu conteúdo.

Espero que meus leitores não pensem que vão encontrar aqui um trabalho acadêmico. Tive que me lembrar, quando fui convidado a dar esta palestra, que, se alguém acha que você é um acadêmico, isso deve significar que você é, de fato, algum tipo de acadêmico. Digo isso diretamente e de saída — “*up front*”, como diriam os americanos — para esclarecer a verdade logo de início, caso tenha havido algum equívoco.

Embora eu prefira, de longe, ter um bom desempenho a ter uma boa desculpa em caso de fracasso, devo acrescentar que um fracasso, embora triste, também pode revelar que a justiça poética entrou em ação. Isso porque perdi a oportunidade de me tornar um acadêmico de verdade há quarenta anos, quando o Trinity College, de Cambridge, recusou meu pedido de admissão, depois

que me formei pelo University College, em Ibadan. Meu professor em Ibadan, que apresentara meu pedido, estudara em Cambridge — era James Welch, sobre quem falarei mais adiante. De qualquer forma, acabei ficando em casa nessa época, e assim me tornei escritor. Bem, mas “E se...?”. O único “E se...” significativo nesta história pessoal é que, se não fosse assim, as senhoras e os senhores estariam diante de um ensaio acadêmico, e não de uma história impressionista sobre a infância de um garoto na Nigéria em seus tempos de colônia britânica.

Como vocês estão vendo, não há nada que consiga germinar tão rápido e florescer com tanto esplendor no solo do discurso colonial como a recriminação mútua. Se me tornei romancista e não acadêmico, com certeza alguém tem culpa. Mas até mesmo nesse clima de hostilidade, os espíritos ancestrais, com suas máscaras, são respeitados e têm imunidade contra os abusos.

Em 1957, três anos depois de ver recusado meu pedido para estudar em Cambridge, tive a primeira oportunidade de sair da Nigéria, para estudar por um breve período na Escola para Funcionários da BBC, em Londres. Pela primeira vez precisei de um passaporte; e, quando o obtive, me vi definido nele como “Pessoa sob o Protetorado Britânico”. Por algum motivo, esse assunto nunca tinha surgido antes! Precisei esperar mais três anos, até a independência da Nigéria, em 1960, para acabar com essa proteção bastante arbitrária.

Espero que ninguém esteja ansioso para ouvir mais uma vez os prós e os contras do domínio colonial. De qualquer forma, de mim vocês só ouviriam os contras. Assim, gostaria de me dar um luxo que a cultura contemporânea do nosso mundo raramente possibilita: uma visão dos acontecimentos não a partir do primeiro plano, nem do plano de fundo, e sim da perspectiva do *meio-termo*.

E esse meio-termo é, naturalmente, o menos admirado dos três. É algo sem brilho; falta-lhe dramaticidade, não tem nada de

espetacular. E, contudo, minha tradicional cultura igbo, que no momento da sua derrota me abandonou, ostensivamente, em um cestinho de junco nas águas do Nilo, mas consegui ficar me vigiando, ansiosa, de algum lugar oculto, acabou se insinuando no serviço da filha do Faraó para me criar em um palácio estrangeiro; sim, essa mesma cultura me ensinou um versinho infantil que enaltece o meio-termo, o terreno do meio, como o lugar mais feliz:

*Obu-uzo anya na-afu mmo*

*Ono-na-etiti ololo nwa*

*Okpe-azu aka iko*

O da frente, seu olho encontra os espíritos

O do meio, criança feliz, filha da fortuna

O de trás, com seus dedos retorcidos.

Por que os igbo chamam de afortunada a posição do meio? O que tem esse lugar de tão desejável? Ou melhor, que desgraça ele evita? A resposta, penso eu, é o Fanatismo. A ameaça do Caminho Único, da Verdade Única, da Única Vida. O Terror que vive completamente sozinho. Tão sozinho que os igbo o chamam de *Ajo-ife-naonu oto*: Coisa Ruim e Pescoço Nu. Imagine, se puder, essa coisa tão sozinha, tão singularmente horrenda, que não tem sequer a companhia de um colar no pescoço. Assim, a preferência dos igbo não é pela singularidade, mas pela dualidade. Onde quer que haja Alguma Coisa, Alguma Outra Coisa virá ficar a seu lado.

O meio-termo não é a origem das coisas, tampouco das últimas coisas; ele tem consciência de um futuro para onde se dirigir e de um passado onde se apoiar; é a morada da dúvida e da indecisão, da suspensão da descrença, do faz de conta, da brincadeira, do imprevisível, da ironia. Permitam-me fazer um rápido esboço do povo igbo.

Quando os igbo deparam com um conflito humano, seu primeiro impulso não é definir quem tem razão, e sim restaurar rapidamente a harmonia. Na minha cidade natal, Ogidi, temos um provérbio: *Ikpe Ogidi adi-ama ofu onye*, o julgamento de Ogidi não vai contra um dos lados. Somos administradores sociais, não somos burocratas do Ministério da Justiça. Nosso local de trabalho não é uma escrivania bem-arrumada, e sim uma oficina em desordem. Em qualquer bairro há gente sábia e gente tola, e ninguém se escandaliza com isso.

Os igbo não têm fantasias otimistas sobre o mundo. Sua poesia não celebra o amor romântico. Eles têm um provérbio, que minha mulher detesta, no qual a mulher diz que não faz questão de ser amada pelo marido, contanto que ele ponha inhame na mesa do almoço todos os dias. Que triste visão de vida tem essa mulher! Mas, espere, e o homem, como fica? Um velho aldeão me disse um dia (não baseado em um provérbio, mas na vida real): “Minha sopa favorita é de *egusi*. Então mando minha mulher nunca me servir sopa de *egusi* nesta casa. E assim ela faz *egusi* todas as noites no jantar!”. Portanto, este é o quadro: a mulher renuncia ao amor para poder almoçar; e o homem mente para poder jantar!

O casamento é uma coisa difícil; é maior do que qualquer homem e do que qualquer mulher. Assim, os igbo não pedem que você o encare, levantando um cartaz com seus princípios, tampouco lhe pedem que dê meia-volta e fuja. Eles pedem que você encontre uma maneira de lidar com a coisa. Covardia? Ora, vocês não conhecem o povo igbo.

O domínio colonial foi mais forte do que qualquer casamento. Os igbo lutaram contra ele no campo de batalha e perderam. Ergueram todas as barricadas possíveis para detê-lo, e perderam novamente. Às vezes encontro pessoas que leem romances como se fossem livros de história, e elas me perguntam por que foi tão fácil a conversão do meu povo ao cristianismo em *O mundo se despedaça*.



Fácil? Posso lhes dizer que *não* foi nada fácil, nem na história nem na ficção. Mas um romance não pode reproduzir a duração histórica; tem que ser bem condensado. Na realidade, o cristianismo não se alastrou pela terra dos igbo como um incêndio na mata. Um exemplo deve bastar. Os primeiros missionários chegaram à cidade de Onitsha, no rio Níger, em 1857. Desse posto avançado, acabaram alcançando minha cidade, Ogidi, em 1892. Vejam: a distância entre Onitsha e Ogidi é de apenas onze quilômetros. Onze quilômetros em trinta e cinco anos, ou seja, um quilômetro e meio a cada cinco anos. Isso não é nenhum furacão.

Preciso manter a promessa de não fazer um discurso sobre o colonialismo. Mas vou expressar, com palavras simples, qual é minha objeção fundamental ao domínio colonial.

A meu ver, é um grave crime qualquer pessoa se impor a outra, apropriar-se de sua terra e de sua história, e ainda agravar esse crime com a alegação de que a vítima é uma espécie de tutelado ou menor de idade que necessita de proteção. É uma mentira total e deliberada. Parece que até o agressor sabe disso, e é por essa razão que ele às vezes procura camuflar seu banditismo com essa hipocrisia tão descarada.

No fim do século XIX, o rei Leopoldo da Bélgica, cujas atividades no Congo mostram bem o porquê da triste fama do colonialismo, ainda foi capaz de pronunciar estas palavras com a cara mais séria do mundo:

Apraz-me pensar que nossos enviados, quase todos voluntários vindos das fileiras do Exército belga, têm sempre em mente a forte noção da carreira que escolheram e são animados pelo mais puro sentimento de patriotismo; sem poupar seu próprio sangue, pouparão ainda mais o sangue dos nativos, que neles verão os protetores todo-poderosos de suas vidas e de seus bens, professores benevolentes de quem eles tanto necessitam.<sup>1</sup>

Seria rematada tolice sugerir um paralelo entre o domínio colonial britânico na Nigéria e as escandalosas atividades de Sua Serena Majestade Leopoldo II no Congo. No entanto, não podemos ignorar o pressuposto básico de todas as potências europeias que participaram da Corrida à África. Assim como toda a Europa contribuiu para a construção do terrível personagem de Mr. Kurtz em *Coração das trevas*, de Conrad, da mesma forma toda a Europa colaborou na criação dessa África que Kurtz foi libertar e que acabou apenas subjugando a um terror obscuro.

As grandiosas palavras do rei Leopoldo II podem nos lembrar que o colonizador também foi ferido pelo sistema que ele próprio criou. Pode não ter perdido a terra e a liberdade, como ocorreu com sua vítima colonizada, mas pagou o preço de perder várias coisas aparentemente pequenas, como o senso do ridículo, o senso de medida, o senso de humor. Vocês acham que Leopoldo II teria sido capaz de dizer a si próprio: “Corta essa, meu chapa, isso é pura conversa. Você sabe muito bem que a razão pela qual seus enviados estão lá matando e mutilando gente é que o Tesouro belga precisa do dinheiro da borracha e do marfim”? Admitir a culpa não absolve, necessariamente, o agressor, mas pode, pelo menos, abreviar a recitação dos crimes e a experiência de reviver as dolorosas provas.

E o que dizer da vítima? Ser despojado de seus bens não é motivo para riso, claro, nada que desperte o bom humor. Contudo, o mais incrível é que os despossuídos muitas vezes transformam sua impotência em algo útil e riem dela, e assim se elevam acima da desolação e do desespero. E por um triz conseguem salvar sua essência humana, pois o humor é algo essencialmente humano!

Na virada do século XX, minha mãe, depois de prometida em casamento ao meu pai, que era evangelista, foi enviada à recém-fundada Escola para Moças Santa Mônica, no nosso distrito, a primeira do seu tipo no território igbo. Como favor especial, foi

morar na casa da diretora, Miss Edith Ashley Warner, e de seu pequeno grupo de professores de inglês, cuidando dos afazeres domésticos em troca de educação e sustento. Sendo filha de um ferreiro da aldeia, achou sua nova vida estranha, fascinante e por vezes assustadora. Nos primeiros tempos, sua experiência mais aterrorizante foi descobrir certa noite, em uma tigela de água, a dentadura dupla de sua chefe — ou, nas palavras de minha mãe, “sua boca inteirinha”.

Quando eu era adolescente, mais de trinta anos depois, a foto de Miss Warner continuava na nossa parede. Na verdade ela era muito bonita, e na foto sua boca parecia normal. “Uma perfeita dama”, nas palavras do escritor Amos Tutuola.

Uma noite, ela disse à minha mãe para comer a comida no prato e depois lavá-lo com cuidado. Parece que ela estava aprendendo o idioma igbo e o usou nessa ocasião. Ela disse: “*Awakwana afele*”, que deveria significar “Não quebre o prato”, só que os verbos igbo às vezes são bem complicados. Minha mãe não se conteve e deixou escapar uma risadinha mal reprimida, o que foi um grande erro. Aquela dama vitoriana não achou a mínima graça. Pegou um enorme pedaço de pau e deu-lhe uma tremenda surra. Mais tarde chamou-a e lhe deu um sermão sobre boas maneiras: “Se eu falar errado seu idioma, você deve me dizer qual a maneira certa; mas é errado rir de mim”, ou algo do gênero.

Ouvi minha mãe contar essa história muitas vezes, e toda vez ríamos de novo, pois “*Awakwana afele*” é uma maneira de falar de bebezinhos, que soa absolutamente hilária.

Quando chegou minha vez de ir à escola primária, em 1936, já não havia professores missionários como Miss Warner. Nesse nível de ensino, a educação estava toda a cargo de professores nativos; mas o legado das surras inclementes permaneceu, com uma pequena alteração apenas. Não se levavam pauladas por rir de um erro, e sim por cometê-lo.